

# **CORES DA VANGUARDA. ARTE NA ROMÉLIA 1910-1950**

27 de Março – 21 de Junho  
Inauguração: 26 de Março

Terça a Domingo: 10 – 18h  
Encerra segunda-feira

**Comissário**  
Erwin Kessler

**Apoio**  
Instituto Cultural Romeno.

**Catálogo**  
Por ocasião da apresentação da exposição no MNAC-Museu do Chiado será editado um catálogo bilingue (português, inglês) com reprodução das obras e textos de Erwin Kessler, Ioana Vlasiu, Gheorge Vida, Ruxandra Dreptu e Mariana Vida.

**Apresentação**  
A exposição **Cores da Vanguarda. Arte na Roménia 1910-1950** constrói-se em torno de 70 pinturas seleccionadas de entre os acervos de nove museus romenos, traçando uma panorâmica do complexo e contraditório fenómeno histórico cultural romeno, resultado das tensões entre tradição e vanguarda no período entre as duas guerras.

Partindo do modernismo expressionista e pós-impressionista da primeira década do século XX a exposição revela as experiências simultaneamente traumáticas e utópicas do rescaldo da Primeira Guerra, que explicam a emergência e o desenvolvimento de uma vanguarda local, com figuras como Arthur Segal (futuro líder do "Grupo de Novembro" em Berlim), Marcel Janco (fundador do movimento Dada, no Cabaret Voltaire em Zurique, juntamente com Tristan Tzara), Hans-Mattis Teutsch, ligado simultaneamente ao grupo Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul), à Bauhaus e aos círculos húngaro, inglês, alemão e romeno de vanguarda, bem como M.H. Maxy ou ainda Victor Brauner, que mais tarde será um importante representante do surrealismo francês.

Da coabitação e contaminação entre esta vanguarda emergente e uma via mais tradicional, floresceu um puzzle multicultural de linguagens divergentes com raízes em

**MUSEU NACIONAL  
DE ARTE CONTEMPORÂNEA  
MUSEU DO CHIADO**

tradições distintas mas complementares.

A exposição pretende mostrar exactamente esta singular amálgama, ao apresentar as obras de artistas arménios como Apcar Baltazar, interessado na representação de paradigmas sociais extremos, de artistas alemães, como Hans Eder, espelhando as particularidades culturais dos alemães da Transilvânia, a viver em comunidades urbanas fechadas marcadas pelos valores burgueses, artistas húngaros como Sandor Ziffer e Sandor Szolnay, ligados à seminal Escola Baia-Mare, fascinados pelas míticas paisagens locais, artistas judeus como Brauner, Maxy e Janco impulsionadores de uma nova perspectiva sobre a dinâmica da moderna vida da cidade, enquanto artistas romenos, como Ressu, Sirato e Theodorescu-Sion tentam ensaiar uma resposta, idealizando o mundo camponês e rural.

A contaminação, a rivalidade, a provocação, a imitação, a interpretação, a crítica, ou mesmo a caricatura, consequência deste diálogo inter-cultural, estão na origem do singular modernismo romeno.